

Meio ambiente

Um fruto bom já deu esse relativo histerismo que grassa pelo mundo por amor da ecologia. As jovens gerações tomam consciência aguda da importância da preservação do meio ambiente, e só se escuta garoto falando em floresta, em ar puro, em rio assassinado, em poluição industrial. Muito diferente das gerações anteriores, os filhos, netos e bisnetos do "século das luzes", que se fizeram adultos depois da Primeira Guerra Mundial e só acreditavam em fórmulas radicais, arrasar tudo para construir de novo, fosse em literatura, em política, em artes plásticas, urbanismo, arquitetura. Já a minha geração, a chamada "de 30" (que isso seja levado em descontos de outros pecados), não se deixou arrastar pela onda mais radical. Quando começamos, já se haviam esgotado os paroxismos do pessoal modernista e não tivemos que nos apurar em acrobacias linguísticas e temáticas mas-



POR
RACHEL DE
QUEIROZ

avenidas em cima das igrejas antigas e dos monumentos, botar abaixo as velharias. E a própria reação de Mariano Filho, que sem dúvida fez trabalho pioneiro na defesa dos nossos valores artísticos tradicio-

nais, era baseada mais no pastiche e na restauração à la Viollet-Le-Duc, e na recriação de um estilo — no caso o nosso horroroso e malfadado neocolonial. Aí está como corpo de delito o que fizeram com a Casa do Trem, virada no que é hoje o Museu Histórico.

Com a Segunda Guerra Mundial e a largada da bomba atômica no Japão, e a conseqüente ameaça de holocausto geral, despertou-se a atenção do mundo, já não mais para as relíquias do passado, mas para o planeta propriamente dito, a terra, o mar, as águas vivas, as florestas, os bichos. Já não era sem tempo, porque, segundo se denuncia, foi violada a camada atmosférica com perda da sua irreparável substância, a poluição do mar já alcança em certos mares o ponto de irreversibilidade, e a destruição da flora chega a afetar as perspectivas de sobrevivência de todo o reino animal.

O fundamental, parece, é descobrir um ponto de coexistência pacífica que garanta a sobrevivência do ambiente natural da Terra e a existência do homem civilizado; civilização essa que depende, em razão direta, da depredação, da alteração, do saque e do atentado contra o meio natural. Pois as maravilhosas cidades, máquinas, computadores, naves espaciais e toda a parafernália da ciência, da técnica e do progresso, só podem medrar e frutificar se escavando minas para obter metais, se perfurando a terra e o leito dos mares para extrair o indispensável petróleo, se arrastando florestas para plantar o grão e criar o gado. E, assim, não se pode levar longe demais a cruzada pela proteção da terra, porque então a civilização terá que perecer para que a ecologia se salve. Será o conflito da humanidade civilizada versus terra conservada. E com a população do globo aumentando em bilhões, em progressão quase geométrica, o saque terá que ser cada vez mais extenso e mais profundo, por uma questão exatamente de vida e de morte. E nem se pode esperar da arrogância do homem técnico de hoje que ele renuncie às suas conquistas e volte a viver como o índio, da caça e da pesca e dos frutos da terra. Mesmo porque, com os números a que já atingimos — seis bilhões, diz-se —, onde é que se iria arranjar mato para botar tanto índio?

RACHEL DE QUEIROZ, DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, É ESCRITORA

**O FUNDAMENTAL,
PARECE, É
DESCOBRIR UM
PONTO DE
COEXISTÊNCIA
PACÍFICA QUE
GARANTA A
SOBREVIVÊNCIA
DO AMBIENTE
NATURAL DA
TERRA E A
EXISTÊNCIA DO
HOMEM
CIVILIZADO**

a fase vivida pelo mundo já era o começo do desespero. Guerra da Abissínia, guerra da Espanha, o Grande Expurgo Stalinista, a ascensão de Hitler, o Estado Novo no Brasil. Ninguém de nós fazia parte dos delirantes adoradores da máquina — máquina de morar, máquina de viver e de matar, que o nosso amado guru, Mário de Andrade, tão bem satirizou com a máquina-táxi e outra máquina, no *Macunaíma*. Foi mesmo pelo nosso tempo que se descobriu a chamada "memória do Brasil" e se fundou o Serviço do Patrimônio Histórico, com Rodrigo Melo Franco de Andrade como arcanjo guardião, a recuperar e salvar o desprezado, demolido e arruinado acervo artístico e histórico do país. Porque, até Rodrigo e o Patrimônio, salvo um ou outro maníaco, a lei geral era demolir, abrir

INSTITUTO

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte CB

Data 9/12/2000 Pg 5

Class. 16